

Artigo

A crise humanitária e o papel da educação na Carta Encíclica *Laudato Si'* e na exortação apostólica *Laudate Deum*

The humanitarian crisis and the role of education in the Encyclical Letter Laudato Si' and the apostolic exhortation Laudate Deum

Christian Luan da Silva Carmo¹

 0009-0003-5357-4462

Renato Kirchner²

 0000-0003-3105-1401

Resumo

A crise ecológica moderna, que impacta de maneira profunda tanto as pessoas quanto a natureza, tem raízes mais profundas nos indivíduos. A principal causa disso é a perda da visão da criação como dádiva divina. Atualmente, as pessoas estão mais focadas no poder associado à tecnologia e à ciência, e veem a si mesmas como criadoras autônomas de seus destinos, operando principalmente com uma mentalidade instrumental-racional. O Papa Francisco, ao adotar uma abordagem hermenêutica para compreender a criação, destaca essa falácia antropológica central que tem consequências imprevisíveis sobre a realidade criada. O ponto central é que a crise ecológica moderna está, na verdade, enraizada na crise da humanidade. Seguindo as reflexões do Papa Francisco na carta encíclica *Laudato Si'* e exortação apostólica *Laudate Deum*, este ensaio busca destacar os pontos críticos da crise ecológica contemporânea e sugerir soluções para escapar do labirinto da autossuficiência humana. Uma das soluções enfatizadas é a necessidade de educação para criar uma consciência ambiental responsável, madura e ética em relação à criação. Na parte final do artigo, resalta-se a importância de se aproximar da liberdade, alinhando-se com a dignidade humana que tem origem em Deus, o Criador. Respondendo à pergunta sobre por que a educação ecológica é importante, a conclusão demonstra que ela é o caminho para uma verdadeira humanidade, refletindo a imagem de Deus, e que as pessoas são chamadas a agir com responsabilidade em relação à criação.

Palavras-chave: Crise climática. Deus. Ecologia. Educação. Humanidade.

Abstract

The modern ecological crisis, which profoundly impacts both people and nature, has deeper roots embedded in individuals. The main cause of this is the loss of the vision of creation as a divine gift. Currently, people are more focused

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Faculdade de Filosofia. Campinas, SP, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: R. KIRCHNER E-mail: <renatokirchner00@gmail.com>.

on the power associated with technology and science, and see themselves as autonomous creators of their destinies, operating mainly with an instrumental-rational mindset. Pope Francis, by adopting a hermeneutical approach to understanding creation, highlights this central anthropological fallacy that has unpredictable consequences on created reality. The bottom line is that the modern ecological crisis is actually rooted in the crisis of humanity. Following the reflections of Pope Francis in the encyclical letter *Laudato Si'* and apostolic exhortation *Laudate Deum*, this essay seeks to highlight the critical points of the contemporary ecological crisis and suggest solutions to escape the labyrinth of human self-sufficiency. One of the solutions emphasized is the need for education to create a responsible, mature and ethical environmental awareness in relation to creation. In the final part of the article, the importance of approaching freedom is highlighted, aligning with human dignity that originates in God, the Creator. Answering the question about why ecological education is important, the conclusion demonstrates that it is the path to true humanity, reflecting the image of God, and that people are called to act responsibly towards creation.

Keywords: Climate crisis. God. Ecology. Education. Humanity.

Introdução

Na carta encíclica *Laudato Si'* (FRANCISCO, 2015) e exortação apostólica *Laudate Deum* (FRANCISCO, 2023), Sua Santidade o Papa Francisco ilumina os imperativos prementes e concernentes ao nosso habitar coletivo. A atitude da humanidade em relação à Terra, às águas, aos recursos naturais, ao clima e aos oceanos é motivo de profunda inquietação, convocando à reflexão acerca da pertinência crescente da indagação: qual é o horizonte expectável mediante essa abordagem? No contexto atual, mais do que em qualquer etapa pretérita da narrativa humana, emerge uma crescente conscientização das repercussões dramáticas advindas das ações perpetradas pelo ser humano, não apenas em relação a si próprio, mas também ao próximo e ao cosmos edificado. A essência desse impasse é intrinsecamente humana, inseparável de sua vinculação à natureza circundante.

A contemporaneidade revela uma metamorfose do paradigma de apreensão da condição humana, caracterizada pelo emprego ubíquo da tecnologia, pela exploração científica, pela economia e pela dinâmica política na manipulação da esfera natural. O cerne da crise ecológica que se desenrola é, de fato, a manifestação de uma crise mais profunda, uma crise de identidade e estrutura ética humana. Constatamos que, ao se desconectar da matriz ontológica que tradicionalmente fornecia um entendimento de si e do mundo, o ser humano passou a adotar uma racionalidade instrumental que deixa marcas inapagáveis. Essas marcas são testemunhas do ocaso da luz do conhecimento ético e da capacidade de reconhecer o bem nas criaturas. O mandamento ancestral de preservar o dom da Terra, não somente para si mesmo, mas também para os demais seres e em conformidade com a intenção do Criador, conforme expresso no livro de *Gênesis* 1,31, foi relegado ao esquecimento.

O clamor por uma educação ambiental torna-se incontestável, uma educação que habilite a adoção de uma compreensão genuína da realidade criada. Tal educação, enraizada na fecunda fonte da Revelação cristã, desponta como necessidade crucial. A humanidade está investida com a prerrogativa e a obrigação de moderar suas investidas impetuosas. Nesse empreendimento, a educação assume um papel propulsor, orientando rumo a uma abordagem holística da criação. A falta de um zelo vigilante, de uma responsabilidade judiciosa e de uma atenção compassiva resultará na aniquilação e na morte de tudo o que foi criado e gerado, devido à ação negligente do ser humano.

Nesse sentido, a carta encíclica *Laudato Si'* (2015) e exortação apostólica *Laudate Deum* (2023) traçam uma rota em direção a uma apreensão holística da realidade concretizada, instigando a reavaliação da consciência e da percepção latentes. A obra denuncia a embriaguez técnica na qual muitos buscam saciar seus anelos prometeicos. Convoca-se, assim, a uma autenticidade existencial, enriquecida pela partilha da responsabilidade com todos aqueles possuidores de ânimo nobre, dedicados ao cuidado da natureza, dos menos afortunados e à busca incansável por paz e justiça em uma esfera global.

A crise ecológica à luz da perspectiva cristã sobre a humanidade

A perspectiva antropológica cristã investiga a natureza da humanidade e a realidade construída à luz da concepção divina, ressaltando que os seres humanos foram gerados à semelhança de Deus (*Gn* 1,26-27) (COMPÊNDIO [...], 2005, *online*). Nesse contexto, essa abordagem enfatiza de forma explícita que a humanidade representa o ápice e o objetivo último de todo processo criativo, carregando consigo a responsabilidade e a prerrogativa de exercer controle sobre a realidade construída de maneira sensata, autônoma, ética e digna. Tal controle, porém, não se caracteriza como uma relação de domínio, mas sim como um papel de zelador incumbido de preservar e cuidar da obra divina. Esse papel envolve implicações éticas que dizem respeito à responsabilidade e à salvaguarda da criação. A compreensão do ser humano se configura através das conexões e das interações que estabelece com outros seres e com o ambiente circundante. Essa dinâmica sugere que “As pessoas e todas as outras criaturas dependem constantemente e radicalmente de seu Criador. É Deus quem, na ‘*creatio continua*’, provê às pessoas vitalidade e as mantém em existência” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2009, p. 8).

A partir da relação primordial que as pessoas compreendem a partir da realidade criada, vivenciando-a, onde a cognição assume o papel de um ambiente propício, torna-se claro que as ações humanas em relação a essa realidade não podem ser tratadas com neutralidade moral ou ética, tampouco podem ser dissociadas dela.

Engajamo-nos, com precisão, nas intrincadas estruturas da transgressão, as quais dão origem à malevolência, contaminam o ambiente, infligem feridas e ignomínia aos desfavorecidos, fortalecem a lógica da posse e do domínio, estendem excessivamente a utilização das dádivas da Terra, coagem populações inteiras ao êxodo de suas terras natais e nutrem animosidade, agressão e conflito. Esses fenômenos constituem uma propensão cultural e espiritual, gerando uma obstrução de nossa bússola espiritual, intrinsecamente ancorada na vitalidade de nossa constituição inata, moldada à semelhança divina, conduzindo-nos organicamente em direção à virtude, à compaixão e ao serviço devotado a nossos semelhantes.

A postura das pessoas em relação ao meio ambiente revela uma relação substancialmente mais profunda, a qual se manifesta contemporaneamente na crise ecológica radical que convoca a uma abordagem e atitude holísticas perante a realidade criada (KIRCHNER; SARRAIPA, 2017).

A crença de que o mundo foi criado e de que a redenção é necessária direciona nosso olhar para a verdade de que toda a realidade é afetada pelo pecado. O sinal evidente dessa verdade é a crise ecológica que ilumina nossa necessidade de conversão, na qual adotaríamos uma abordagem sacramental em relação à realidade criada:

O ser humano foi criado para ser um presente que expressa e realiza a dimensão transcendente humana. As pessoas modernas, por vezes, vivem com a falsa crença de que são seus próprios criadores, que elaboram suas próprias vidas e sociedades. Essa crença, que leva a um confinamento egoísta em si mesmo, é o fruto – usando a terminologia religiosa – do pecado original (BENTO, 2019, p. 34).

A relação que os seres humanos mantêm com a criação sofreu uma transformação significativa sob o influxo da crença científica e técnica, quando o *homo technicus* veio a predominar sobre o *homo sapiens*. A exploração e a manipulação excessivas e desmedidas da natureza são manifestações de um processo histórico e social complexo, alinhado às oportunidades emergentes oriundas de uma compreensão mais profunda da própria natureza, bem como das descobertas técnicas recentes que permitiram à humanidade adentrar as profundezas do mundo da realidade criada. O crescimento da tecnologia e sua inclinação ao absolutismo, em última instância, entravam a capacidade das pessoas de interpretar o mundo meramente por intermédio da matéria e da experimentação, uma vez que negligenciam a existência de um entendimento mais profundo da realidade que transcende a abordagem materialista-experimental da realidade.

Na contemporaneidade, a civilização científica e tecnológica mobiliza o poder regido pela ciência e tecnologia como uma alavanca primordial e propulsora do desenvolvimento e progresso. É imperativo também mencionar que tal postura evoluiu para uma cosmovisão na qual a ação conjunta de todas as forças do desenvolvimento moderno engendrou uma civilização e uma cultura que ostentam controle dominante sobre a natureza, abrangendo o âmbito orgânico e inorgânico. Emergiu um paradigma que delineia uma paisagem peculiar de apreensão da qualidade da existência humana, na qual a ética quase-humana preponderante se oculta sob o véu da tecnologia. O Papa Francisco sublinha que, mesmo atualmente, quando se abordam as questões sociais que afetam a coletividade, faz-se presente uma síntese entre razão e fé, encontrável precisamente na Doutrina Social da Igreja (FRANCISCO, 2015, p. 63).

Uma incursão histórica pela Doutrina Social da Igreja nas encíclicas de cariz social nos outorga uma visão que revela a plena consciência do ensinamento da Igreja acerca dos dilemas e das vicissitudes vinculadas ao progresso, à tecnologia e à ecologia. Ademais, a Doutrina Social da Igreja evoluiu ao longo do tempo, passando de uma concepção estática para uma perspectiva evolutivo-dinâmica, acompanhada de uma crescente apreensão dos contextos históricos nos quais a imutabilidade necessitava ser realçada. A Doutrina Social da Igreja não pode ser considerada como uma verdade eterna do desenvolvimento e do progresso humano. No entanto, o que permanece imutável nessa doutrina é a verdade evangélica sobre a humanidade, moldada em circunstâncias e tempos sociais sempre renovados. No cerne dessa doutrina, subsistem valores perenes, quais sejam, a promoção da dignidade humana, a sublimidade do labor humano, a dimensão social da propriedade privada, a solidariedade e a subsidiariedade, fundações que sustentam a sociedade, a política, a economia e os mercados, além de preconizar os direitos laborais, fomentar a intervenção estatal em áreas que comprometem as liberdades, a dignidade e os direitos humanos, a consciência da necessidade de preservar o ambiente e a percepção da natureza como uma entidade criada. A temática do desenvolvimento sustentável assumiu a qualidade de conceito político e social preeminente, no qual urge harmonizar o desenvolvimento econômico com os desafios sociais, culturais e ambientais. Em todas essas reflexões, é crucial não

descurar o bem nas pessoas, pois a ordem das coisas deve ser subordinada à ordem das pessoas (FRANCISCO, 2023).

As causas da crise ecológica podem ser reduzidas a três fatores primordiais: falta de escrúpulos, ignorância e egoísmo, denotando que suas raízes estão arraigadas no paradigma antropocêntrico. Diante da complexidade da multiplicidade de causas, torna-se imprescindível transcender as interpretações que conduzem à uniformidade.

A crise ecológica contemporânea surge principalmente como consequência de uma percepção distorcida em relação à natureza do eu, dos outros, do cosmos e do fluxo temporal. Essa perspectiva distorcida age como um obstáculo, impedindo o reconhecimento holístico da existência como um presente que convoca à revelação um testemunho de nossa condição ontológica responsável perante a criação.

As metamorfoses profundas da contemporaneidade, que impactam a humanidade, estão indubitavelmente relacionadas a mudanças éticas, morais, religiosas e psicológicas nas quais a crise ecológica moderna se manifesta como os fenômenos que vemos acontecendo no presente. As transformações globais que afetam nossa civilização, nos aspectos de clima, ambiente, poluição do ar, água e oceanos, têm exercido um efeito devastador, sendo resultado da ação humana (FRANCISCO, 2023).

O Concílio Vaticano II já reconheceu que metamorfoses profundas acarretam consequências adversas tanto para a humanidade quanto para a natureza. É imperativo proceder a uma cuidadosa distinção entre os problemas ecológicos profundos, resultantes da ação humana, e o biocentrismo da ecologia radical, que nega a visão antropológica fundamental na qual os seres humanos ocupam o cerne da criação.

Assim, o Concílio Vaticano II, ao discutir a atividade humana, enfatizou o valor dela e da responsabilidade na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, de 1965. O número 34, por exemplo, explora a noção de que a atividade humana individual e coletiva deve se esforçar para melhorar as condições de vida humana. Dessa forma, a humanidade responde ao plano do Criador, segundo o qual recebeu o direito de governar o mundo de maneira justa e sagrada (cf. *Gn* 1,26-27; *Sb* 9,2-3), subjugando a Terra a si mesma com tudo o que ela contém e reconhecendo Deus como seu Criador, a quem a humanidade se direciona com toda a realidade criada, sempre consciente de que age em nome de Deus, porque tal ação é a fonte de uma vida boa e feliz, e porque assim a humanidade glorifica o nome de Deus (CONSTITUIÇÃO [...], 1997).

O aumento de poder que a humanidade possui também enfatiza a responsabilidade humana, individual e compartilhada, indicando que a mensagem cristã devidamente compreendida encoraja a construção do mundo, e não sua exploração e negligência. Além disso, no número 69, ao discutir o propósito dos bens terrenos, o Concílio enfatiza que eles são dados para uso de todas as pessoas e devem ser compartilhados com justiça e amor, e que ninguém pode se apropriar do que pertence a todos, o que é comum a todas as pessoas como bem comum e como fonte de sustento para a vida individual e familiar. O Concílio também insta a responsabilidade necessária de cuidar de todos, especialmente das nações e indivíduos mais vulneráveis e subdesenvolvidos, para que os bens de que dispõe a humanidade possibilitem que cada ser humano viva com dignidade (CONSTITUIÇÃO [...], 1997).

Não há dúvida de que vivemos em uma época em que toda a realidade é marcada pelo antropocentrismo repleto de hedonismo, consumismo e lucro. A carta encíclica *Laudato Si'* destaca de forma especialmente dramática a crise que todos estamos vivenciando e sofrendo (FRANCISCO, 2015). A reação da carta encíclica *Laudato Si'* é um lamento causado pelo mal e pela violência que a humanidade inflige à Terra por meio do uso e do abuso irresponsável dos bens fornecidos por Deus. As pessoas viveram com consciência por muito tempo, criadas e educadas com a noção de que são proprietárias e mestras da Terra, convencidas de que têm permissão para usar os bens dados tanto quanto desejarem. Essa consciência, essa cultura e essa mentalidade de criação e educação manifestam a violência encontrada no coração humano, que é ferido pelo pecado, e representam sintomas das doenças que vemos no ar, no solo, na água e nos seres vivos. O Papa Francisco lamenta tristemente que tenhamos perdido a consciência de que nós mesmos somos compostos dos mesmos elementos que nosso planeta e que, no final de nossas vidas, voltamos ao pó (FRANCISCO, 2015).

De que maneira é possível ver a vida por meio de uma ótica teológica, cuja característica essencial é a correlação? Qual é o significado teológico-moral da densa rede de interconexões que ligam os seres vivos dentro do ecossistema? Como entender e por qual perspectiva devemos compreender e interpretar a relação entre a alteridade de Deus e a proximidade com o mundo?

A novidade da carta encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, do ano de 2015, se evidencia pelo fato de que, pela primeira vez, um papa dedicou um documento às complexas relações que conectam a pobreza, a devastação ambiental e a significância dessas relações para o futuro da humanidade (FRANCISCO, 2015).

Embora tenha havido algumas interpretações equivocadas do livro de Gênesis e acusações de que o cristianismo deu origem ao antropocentrismo e ao dualismo, o Papa Francisco enfatiza que hoje devemos rejeitar veementemente a noção de que o fato de sermos criados à imagem de Deus (cf. *Gn* 1,26-27) e a tarefa de subjugar a Terra a nós mesmos não pode de forma alguma implicar o domínio absoluto da humanidade sobre outras criaturas. Textos bíblicos relacionados à Terra e ao domínio dela devem ser interpretados em seu contexto e com hermenêutica adequada, para que tenhamos consciência da necessidade de preservar e cultivar o planeta (cf. Gênesis 2:15), o que implica proteger e monitorar diligentemente a relação com ela. Isso também pressupõe, como aponta o Papa Francisco, uma relação de reciprocidade responsável entre as pessoas e a natureza. A Bíblia, portanto, não dá origem a um antropocentrismo despótico que não se importa com outras criaturas. O Papa Francisco ainda aponta que dualismos prejudiciais influenciaram significativamente certos pensadores cristãos de uma maneira que os levou a distorcer o Evangelho. Cuidar do meio ambiente e zelar pela educação sobre esse tema devem estar ligados ao amor pelas pessoas e sua dignidade, bem como conduzir a um compromisso inabalável de resolver problemas sociais. Qualquer abuso de qualquer criatura – destaca o Papa Francisco – é contrário à dignidade humana (FRANCISCO, 2015).

Na investigação concernente à relação humana com a realidade criada, emerge a temática da hegemonia do *logos*, dissociado da dimensão transcendental. O *logos*, por sua vez, enveredou por uma trajetória evolutiva de antagonismo com a esfera vital. Tal entendimento fundamenta a afirmação de que o domínio da razão instrumental assume a forma de três disfunções que substancialmente conformam o mundo, a mentalidade, a cultura, a espiritualidade e a educação

contemporâneas: o individualismo; a fascinação pela totalidade da realidade e pela humanidade; e as consequências politicamente devastadoras derivadas do individualismo e da razão instrumental. Decorrente disso, a crise ecológica revela-se de maneira dramática, convocando uma resolução de urgência. Ela se apresenta como a crise que acomete o sistema global que tem delineado a trajetória histórica nos últimos séculos. A confluência entre o término de um ciclo e o surgimento de outro manifesta-se como vivências de natureza notadamente dramática. As configurações emergentes da crise ecológica são discerníveis como sentimento de vazio, solidão, ansiedade, depressão e agressão destituída de finalidade (FRANCISCO, 2023). Em síntese, essa vivência se caracteriza por uma sensação difundida de insatisfação. O sentimento de vazio advém da percepção de que pouco ou quase nada se pode alterar na esfera da existência, na sociedade e na natureza. A solidão revela uma desconexão com o meio natural e com os outros indivíduos. A ansiedade emerge das múltiplas e objetivas ameaças à vida, as quais se estendem à humanidade como um todo. A depressão surge da ansiedade artificialmente instigada e do fato de que a orientação, as crenças e as perspectivas se perderam.

Quando esses sintomas mencionados afetam a civilização, um sinal de alarme se torna indispensável. A agressão sem propósito sugere que uma pessoa abandonou as normas de autocontrole sem as quais uma sociedade não pode sobreviver nem se proteger. É um sinal de ilegalidade, destruição, perda do senso de dignidade das pessoas e do mundo criado, resultando em duas consequências: por um lado, vaidade e banalização da fala na comunicação cotidiana e falta de qualidade necessária para relacionamentos pessoais mais profundos; por outro, a aparente perda de contato vitalizante com a natureza. Para uma pessoa vazia, ameaçada e ansiosa, a natureza parece muda, indiferente e morta. A irracionalidade se espalha abundantemente ao nosso redor e torna-se evidente que ultrapassamos todas as fronteiras morais, éticas e espirituais. Os antigos mitos estão mortos, e os novos não têm a força para incentivar a criação de um novo *ethos* cultural.

Por isso, na exortação apostólica *Laudate Deum*, de 4 de outubro de 2023, o Papa Francisco apresenta um diagnóstico claro das dificuldades ambientais e políticas atuais que estão associadas a uma crise mais profunda e que criam uma fonte de discórdia, relacionada a metas, significado, bem como ao interesse parcial do crescimento tecnológico e econômico (FRANCISCO, 2023).

Gênese da carta encíclica *Laudato Si'*: reflexões sobre ecologia e criação

As demandas contemporâneas do mundo atual, caracterizado pelas mudanças velozes e pelo processo de globalização, reconhecido pelo Papa Francisco como uma verdadeira mudança epocal, desdobram-se em dois níveis: o âmbito antropológico e o âmbito socioecológico. Ambos esses níveis geram crises profundas e degradação da humanidade, cultura, sociedade e do mundo (FRANCISCO, 2017). É de conhecimento geral que, durante o seu serviço como Arcebispo de Buenos Aires, o Papa Francisco percebeu a lacuna entre inteligência e razão como o problema crucial. Ele considerava a inteligência fundamentalmente histórica e a razão como instrumental: quando a razão se separa da inteligência, culmina em ideologia, podendo assumir várias formas de racionalismo absolutista; sendo certo que sua forma enfática se manifesta no hedonismo niilista, que está ganhando força, gerando uma nova cultura e atmosfera e vindo a tornar-se um novo ópio para o povo. Para o Papa Francisco, tal processo também é reconhecível nas estruturas

do gnosticismo teísta, no qual a ausência óbvia de Cristo encarnado leva à desincorporação da história. As dificuldades decorrentes de tais análises mostram claramente que tais processos geram desumanização, com graves consequências para indivíduos, cultura, mundo, sociedade e a própria natureza (FRANCISCO, 2013).

Existem três estratos sociais e níveis espirituais-culturais nos quais a carta encíclica *Laudato Si'* se originou. Estes são os contextos históricos, econômicos e políticos, os quais determinam as maneiras pelas quais os desafios são enfrentados, enfatizando, acima de tudo, que estamos em um ponto de virada em relação ao futuro da humanidade e que devemos estar conscientes da necessidade de mudar os estilos de vida, a produção e o consumo para combater o aquecimento global e as ações humanas que contribuem para isso ou o tornam pior (FRANCISCO, 2023).

O Papa Francisco enuncia as razões que nos motivam a alterar a maneira como vivemos nossas vidas e exploramos a natureza, as quais se manifestam principalmente na superexploração da terra, no desmatamento, nas alterações climáticas, na questão da água potável e na perda de biodiversidade (FRANCISCO, 2015).

O arcabouço hermenêutico da carta encíclica também se desdobra em três esferas discursivas: a teológica, a filosófica e a política. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco já aludiu aos desafios que enfrentamos hoje, os quais se relacionam com a organização da vida sociopolítica e econômica. Contudo, o que se destaca de maneira notável em seu pontificado ainda em curso é o cuidado especial para com o ambiente, algo que ele evidenciou de forma proeminente com a publicação da carta encíclica *Laudato Si'*, em 24 de maio de 2015 (FRANCISCO, 2015).

Um passo significativo na concepção desta encíclica foi, sem dúvida, o conjunto de encontros científicos organizados pela Pontifícia Academia de Ciências Sociais. O primeiro encontro ocorreu em 2013, abordando o tema "A Situação dos Socialmente Excluídos", seguido pelo encontro de 2014 sobre o tema "Humanidade Sustentável, Natureza Sustentável: Nossa Responsabilidade", e um terceiro realizado em 2015 com o tema "Proteger a Terra, Dignificar a Humanidade. As Dimensões Morais das Mudanças Climáticas e a Humanidade Sustentável" (co-organizado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e Religiões pela Paz). O Papa Francisco reconheceu as opiniões de especialistas nesses campos, e um desses especialistas, o renomado climatologista alemão Hans Joachim Schellnhuber, contribuiu e desempenhou um papel significativo na elaboração desta carta encíclica. O Cardeal Peter Turkson, Presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz, também teve um papel extremamente importante, pois foi encarregado de criar um esboço da carta encíclica, com a ajuda do Secretário do Conselho, Bispo Mario Toso. Ao longo de toda a carta encíclica, aplica-se consistentemente o seguinte método: observar – julgar – agir. O que caracteriza a carta encíclica *Laudato Si'* é o universalismo dialógico, no sentido de que todos os seres humanos são essencialmente semelhantes em termos das características fundamentais e valores de bem-estar. A carta encíclica demonstra que uma única fonte de sabedoria não é suficiente para alcançar o bem-estar geral e comum; é necessário o diálogo, tanto entre religiões e ciências que se complementam quanto entre outras fontes de sabedoria contidas em outras culturas, especialmente as indígenas, às quais a carta encíclica atribui grande importância (FRANCISCO, 2015).

Raízes e causas da crise ecológica: uma análise ética e moral

Não há dúvida de que as raízes e as causas da crise ecológica residem na humanidade. A compreensão da humanidade também carrega um certo aspecto moral e ético em relação à atitude das pessoas para com a natureza. A compreensão distorcida da humanidade e a ação que dela resultou causaram a destruição do meio ambiente. É por isso que o Papa Francisco sugere que, quando se pretende compreender a crise atual, é necessário focar no paradigma tecnocrático predominante e no lugar que as pessoas e suas ações ocupam nele. A humanidade tem um poder que provocou mudanças radicais ao longo dos séculos, sobretudo após a industrialização sistêmica e global (FRANCISCO, 2023). O Papa reconhece os benefícios que advêm do poder da tecnologia, pois, quando direcionada adequadamente, ela pode gerar recursos valiosos para melhorar a qualidade de vida humana. No entanto, ele destaca que as pessoas, de modo geral, não foram ensinadas a usar esse poder corretamente, porque o rápido progresso tecnológico não foi acompanhado pelo desenvolvimento humano em termos de responsabilidade, valores e consciência. A humanidade hoje carece de ética apropriada, cultura e espiritualidade, que poderiam estabelecer limites e educá-la, ensinando-lhe a ter o autodomínio necessário (FRANCISCO, 2015).

É óbvio que a evolução de nossas capacidades não segue o desenvolvimento de nossa força ética e moral. A força ética e moral e a responsabilidade das pessoas não aumentaram proporcionalmente em relação ao desenvolvimento da tecnologia e da ciência. A mentalidade técnica predominante diminuiu o poder da força ética e moral nas pessoas, reduzindo-a ao âmbito meramente subjetivo. Precisamos de ética e de moral que possam responder e corresponder aos perigos que nos assolam. O maior perigo parece residir nesse desequilíbrio entre o poder técnico, por um lado, e a força ética e moral, junto das responsabilidades das pessoas, por outro. O que precisamos como pré-condição para nossa liberdade e dignidade humana não pode advir do poder técnico e de seu controle, mas da educação, ou seja, precisamos da força ética e moral das e entre as pessoas. Quando não há tal educação e força ética e moral, o poder que a humanidade apresenta se torna destrutivo. Ninguém pode abdicar da responsabilidade da qual a existência e a sobrevivência da humanidade depende.

O Papa Francisco observa um problema ainda mais profundo, que reside no fato de que a humanidade abraçou a tecnologia e seu desenvolvimento de acordo com um paradigma indiferenciado e unidimensional. Esse paradigma utiliza procedimentos lógicos e racionais no governo e, graças a eles, as pessoas subjagam o mundo. O relacionamento com a natureza transformou-se numa rivalidade, como se ela fosse uma realidade impessoal que pode ser tratada sem quaisquer consequências. Portanto, o Papa Francisco acredita que as raízes das dificuldades do mundo atual estão principalmente no desejo inconsciente de transformar o método e os objetivos da tecnologia em um paradigma que molda a vida das pessoas e a forma como a sociedade funciona (FRANCISCO, 2023). As consequências desse paradigma não são eticamente nem moralmente neutras, pois criam certos estilos, consciência, mentalidade e cultura de vida; em resumo, tudo isso faz parte do processo educacional de uma pessoa (FRANCISCO, 2015).

O Papa Francisco ressalta que as pessoas reconhecem o momento em que se utiliza o poder técnico e se dispõe dele. Tal condição não consiste apenas em lucro, nem em prosperidade, mas no poder no sentido mais radical da palavra. Trata-se do domínio absoluto sobre a vida. Tornou-se difícil para nós pararmos essa potencialidade, a fim de restaurar a profundidade da vida.

As pessoas estão cada vez mais caminhando em direção à monotonia tediosa. Papa Francisco, portanto, levanta questões sobre o propósito e o significado de tudo, porque, caso contrário, só poderemos confirmar os fatos e precisaremos de mais substitutos para suportar o vazio que surge dessa postura (FRANCISCO, 2015).

Além disso, Papa Francisco também observa que uma das causas da crise ecológica é o antropocentrismo, que colocou o pensamento técnico acima da realidade, de modo que as pessoas não mais experimentariam a natureza como uma norma válida ou um refúgio vivo (FRANCISCO, 2023). A mentalidade técnica enxerga a natureza de forma objetiva, como um mero dado, como um objeto a ser utilizado independentemente do preço e do caminho ao qual esse uso pode conduzir. Se as pessoas não descobrirem seu verdadeiro lugar neste mundo, não serão capazes de compreender a si mesmas adequadamente, trabalhando ultimamente contra si e contra sua própria dignidade (FRANCISCO, 2015). Partindo do fundamento da antropologia cristã na revelação contida na Bíblia, São João Paulo II apontou que Deus colocou as pessoas em suas próprias mãos, as quais, portanto, devem respeitar a estrutura natural e ética com a qual foram adotadas (JOÃO PAULO II, 1991).

Na raiz da questão ecológica, a crise da destruição sem sentido da natureza e da humanidade, está a ilusão antropológica de que as pessoas podem dispor arbitrariamente da terra e dos bens, submetendo-os aos seus atos mais cruéis. Tais atos resultam em pobreza, miséria, estreiteza de visão, mesquinhez e ganância, o que poderia ser diferente, se a humanidade direcionasse sua ação em relação à verdade e ao bem. Essa é a maneira pela qual as pessoas podem se livrar daquela atitude desinteressada, da nobreza e da estética que nascem da admiração do ser na beleza manifestada nas coisas visíveis como uma mensagem de Deus, o Criador. A antropologia teológica revela que uma estrutura trinitária se manifesta na constituição de uma pessoa, permitindo a transformação dela em três níveis: moral, intelectual e voluntário, para que ele ou ela possa agir de acordo com a estrutura de seu próprio ser, que tem sua raiz e fonte no Deus do Amor Trino. O Papa Francisco enfatiza a verdade fundamental da fé: “Ser humano, dotado de inteligência e amor, e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a conduzir todas as criaturas de volta ao seu Criador” (FRANCISCO, 2015, p. 83).

Ademais, o Papa Francisco expõe o individualismo romântico envolto na beleza ecológica, que se fecha em uma imanência sufocante. Os seres humanos possuem um valor excepcional que os eleva acima de outras criaturas. Com efeito, eles abrem espaço para valorizar cada pessoa e sua dignidade, bem como para valorizar a realidade criada. O Papa Francisco propõe a criação de uma nova síntese entre seres humanos e o mundo criado, capaz de superar as falsas dialéticas dos últimos séculos (FRANCISCO, 2023). Para os cristãos, isso significa retornar à sua própria identidade e ao rico depósito de verdade recebido de Jesus Cristo, e assim continuar a reflexão sobre novas questões e desafios, expressando suas visões num diálogo frutífero com novas situações históricas. Para o Papa Francisco, um antropocentrismo equivocado levou ao modo de vida equivocado! Essa concepção cria um relativismo prático que é uma característica de nosso tempo, mais perigoso do que o doutrinal, pois está associado aos compromissos mais profundos e sinceros que moldam uma nova forma de vida. Assim, o relativismo prático resulta na adoração do poder humano ilimitado, que se manifesta na degradação da humanidade, do meio ambiente e no declínio da sociedade. A tecnologia separada da ética dificilmente será capaz de impor limites ao seu próprio poder. Como o Papa Francisco aponta, esquecemos que o valor do ser humano vai muito além do estágio de seu desenvolvimento (FRANCISCO, 2015).

Hoje, o tema do desenvolvimento está fortemente ligado aos deveres que surgem da relação das pessoas com o ambiente natural, como apontou Bento XVI em sua encíclica *Caritas in veritate*. Na visão cristã da criação, Deus deu aos seres humanos o ambiente para ser utilizado e para assegurar responsabilidades em relação às gerações futuras. Os crentes reconhecem a natureza como o resultado miraculoso da intervenção criativa de Deus, pela qual as pessoas podem satisfazer suas legítimas necessidades materiais com a consciência de respeitar o equilíbrio interno da criação. Se essa consciência desaparece, a natureza começa a ser explorada de forma descontrolada ou é considerada um tabu intocável. A natureza é uma expressão do plano de amor e verdade; ela nos precede, foi nos dada por Deus como um ambiente de vida. Ela fala do Criador (cf. *Rm 1,20*) e do seu amor pela humanidade. Portanto, para os seres humanos, a natureza é uma vocação. Ela nos é dada não como um monte de resíduos espalhados aleatoriamente, mas como um presente do Criador.

Também é importante destacar que não devemos considerar a natureza como sendo mais importante que a pessoa humana. A natureza é um presente do Criador para a humanidade e tem seu próprio propósito, isto é, os critérios necessários para que a utilizemos com sabedoria, não apenas de maneira instrumental ou arbitrária. De fato, a natureza não é composta unicamente de matéria, mas também de espírito, sendo assim, rica em significados e propósitos transcendentais a serem alcançados por meio da liberdade humana responsável, voltada para a constituição ética que deriva da exigência de que as pessoas se comportem de acordo com o bem comum e a verdade. A humanidade não é a mestra absoluta da natureza! Ela não tem razão para existir em si mesma, mas sim de acordo com vontade criativa de Deus, que, no sentido entitativo, faz da natureza o que ela deve ser – uma criatura. Portanto, é necessário compreender corretamente o meio ambiente como algo que não se reduz meramente à natureza, e não como um veículo para manipulações e explorações, embora, por outro lado, a natureza não deva ser considerada como absoluta e colocada acima do valor da pessoa humana.

Por isso, é imperativo educar as pessoas para uma ecologia humana que envolva algo muito profundo. A relação necessária entre a vida humana e a lei moral que está inscrita em nossa própria natureza e que é nosso pré-requisito para criar um ambiente digno. Nesse sentido, devemos perceber novamente que precisamos de um antropocentrismo purificado e sóbrio, que se concentre em compreender o todo e reconheça que toda a realidade está interconectada, e que as pessoas têm responsabilidades pela realidade criada, como expressão de justiça e amor, tanto para com Deus quanto para com a humanidade.

Cultivando a responsabilidade ecológica: a visão educativa do Papa Francisco

Todos nós temos acompanhado, de um modo ou de outro, as causas e as consequências da crise ecológica que nos envolve em seu drama. A questão que se coloca é: como educar as pessoas para adquirir uma atitude correta consigo mesmas, com os outros, com o mundo e com a natureza que as envolve? O Papa Francisco enfatiza que muitas coisas precisam mudar, e acima de tudo, que a humanidade precisa mudar. Ele observa que nos falta a consciência de uma origem comum, nossa pertença mútua e um futuro que nos diz respeito a todos e que pertence a cada um de nós (FRANCISCO, 2023). Por isso, hoje mais do que nunca, enfrentamos desafios culturais, espirituais e educacionais, o que certamente nos exige embarcar no caminho de renovação sem demora (FRANCISCO, 2015).

Ademais, Papa Francisco aponta para a necessidade de buscarmos, acima de tudo, um novo estilo de vida e superar a falácia do antropocentrismo por meio da transcendência de falsas percepções e de nos voltarmos verdadeiramente para o cultivo da força ética e espiritual das pessoas, que pode orientá-las e guiá-las, evitando a armadilha da falta de identidade que gera ansiedade. É necessário evitar o autorreferencialismo, a introversão, pois isso aumenta a ganância. Quanto mais espiritualmente pobres e ética e moralmente imaturos as pessoas forem, maior será o risco de explorarem de forma descontrolada tudo que está ao seu redor e ao seu alcance. Em outras palavras, elas carecem de um verdadeiro senso do bem comum! O Papa Francisco convida a todas e todos a descobrir a dignidade humana e seu valor como a verdadeira riqueza da humanidade, porque a dignidade revela o que é bom, belo e verdadeiro, e o que Deus colocou no coração de cada pessoa por meio do ato da criação. O processo de educar uma pessoa requer uma saída contínua de si mesma, desenvolvendo a capacidade de reconhecer outros seres em seu verdadeiro valor. Isso significa ainda limitar a ganância desenfreada por posses e a insensibilidade devido à degradação do mundo, limitar o sofrimento que causamos com nossas ações irresponsáveis (FRANCISCO, 2023). O Papa Francisco vê a educação das pessoas como um meio de transcender o eu e rejeitar a autossuficiência e o egocentrismo. Dessa forma, ao educar as pessoas, as incentivamos a agir com responsabilidade, para que nossas decisões pessoais em relação ao mundo ao nosso redor tornem o planeta um lugar melhor e mais belo para os seres humanos e todos os outros seres vivos (FRANCISCO, 2015).

Para o Papa Francisco, o processo educacional significa descobrir a aliança entre a humanidade e o meio ambiente; significa sair de nós mesmos, sentir o chamado para descobrir juntos o desafio de viver em conjunto, de encontros mútuos, de abraçar e apoiar uns aos outros, de transformar nossa caminhada comum neste momento da história, nosso cuidado e responsabilidade pelo mundo criado, numa experiência fraterna de solidariedade e diálogo. Educar nesse sentido significa conectar-se com os outros, não se fechar em si mesmo ou em seus próprios mundos pequenos e estreitos, pois isso significaria provar o amargo veneno da imanência – uma vez que cada decisão desse tipo impacta nosso mundo, nossas vidas e a natureza ao nosso redor, tornando-os sempre piores (FRANCISCO, 2015).

Os desafios educacionais contemporâneos para o Papa Francisco são principalmente questões de superar o individualismo, o consumismo e várias patologias (medo, desespero, falta de respeito, violência, violação da dignidade *etc.*) que sobrecarregam as pessoas. A educação também deve esforçar-se para restaurar o equilíbrio em vários níveis – acima de tudo, o equilíbrio ecológico, mas também o equilíbrio interior consigo mesmo, a solidariedade equilibrada com os outros, o equilíbrio natural com todos os seres vivos e o equilíbrio espiritual com Deus. A educação ecológica deve ajudar as pessoas a se aproximarem do Mistério do qual a ética ecológica retira seu significado mais profundo. Também incentiva a responsabilidade ambiental, que, por sua vez, incentiva comportamentos que afetam significativa e diretamente a qualidade de vida — questões como o uso de plásticos, a redução do consumo de água, a separação de resíduos, o cuidado com outros seres, o plantio de novas árvores, o desligamento de luzes desnecessárias, o uso de transporte público *etc.* (FRANCISCO, 2015).

Quando se trata de recursos educacionais, o Papa Francisco enfatiza diversas áreas, como a escola, a família e a comunicação social religiosa. Segundo ele, uma boa educação escolar na infância e na juventude semeia sementes que podem dar frutos ao longo da vida da própria

pessoa e que tem a possibilidade de se perpetuar na vida das pessoas do presente e do futuro. Ele destaca o papel da família, que é de importância central, pois consiste em um lugar onde a vida como um dom de Deus pode ser devidamente recebida e protegida contra os muitos ataques a que está exposta hoje em dia. A família é a cultura da vida; ela oferece as primeiras lições sobre como demonstrar amor e respeito, como usar as coisas adequadamente e como cuidar de todas as criaturas. Na família – aponta Papa Francisco – criamos uma cultura de vida que se expande e transmite respeito pelo nosso entorno. Para o Papa Francisco, o ambiente político e outros grupos sociais têm a tarefa de ajudar a conscientizar sobre a importância da educação ecológica. Educar para uma ecologia integral significa educar para a integralidade da pessoa, o que implica promover novas formas de pensar sobre os seres humanos, a vida, a sociedade e a relação com a natureza (FRANCISCO, 2015).

Além do mais, o Papa Francisco defende a conversão ecológica dada à rica herança da espiritualidade cristã ao longo dos séculos. Dessa fonte, tiramos inspiração para aproximar nossa espiritualidade e fé em Jesus Cristo com maior amor e cuidado para a proteção do mundo. A espiritualidade não deve ser separada do corpo, assim como a natureza não pode ser separada das realidades terrenas; ou seja, é necessário que a natureza viva com elas e dentro delas, em comunhão com tudo o que nos cerca. Portanto, Papa Francisco enfatiza que todos nós, sem exceção, precisamos de conversão ecológica para viver como guardiões da obra de Deus, que é uma parte essencial de uma vida virtuosa. Ele expressa, assim, pesar pelas omissões e atitudes insalubres em relação à natureza que os cristãos tiveram ao longo da história, e incentiva a mudança interna nas atitudes, nos pensamentos, nas ideias, na consciência, na mentalidade, na cultura e na espiritualidade, como demonstrado pelo primeiro ecologista do mundo, São Francisco de Assis (WHITE JUNIOR, 1967), que ainda é uma inspiração para muitas mulheres e homens, não apenas crentes, mas todas as pessoas de boa vontade (FRANCISCO, 2015).

A conversão ecológica (*metanoia, conversio*), entendida como uma renovação permanente do espírito e a educação ecológica, não pode ser reduzida a um indivíduo, pois envolve toda a comunidade. Ambas significam um cuidado generoso repleto de ternura, o que implica gratidão e reconhecimento do dom de Deus para a humanidade, a consciência de que não estamos separados de outras criaturas, mas realmente formamos uma comunhão miraculosa com todas as criaturas. O Papa Francisco convoca todas as pessoas, especialmente os cristãos, a demonstrarem claramente essa dimensão de vida ecológica convertida e permeada por um conjunto de valores ensinados e nutridos nas profundezas da pessoa humana, na consciência, na liberdade e na razão. A conversão como processo afeta uma pessoa no nível da fé, ética, intelecto e psique, visando à descoberta da verdade, do bem e do belo (FRANCISCO, 2015).

O Papa Francisco vê a educação como a tarefa de promover uma liberdade responsável que possa escolher significativamente o bem. Ademais, a educação revela uma das formas mais importantes da pessoa humana, que é a promoção e a proteção da dignidade humana e de tudo o que é criado. Somente essa compreensão da verdade e do bem entrelaçados no mundo criado, nas pessoas e na natureza, pode despertar a responsabilidade do destino transcendente das pessoas, demonstrado em relação ao mundo criado. Se partirmos da verdade teológica fundamental sobre a criação das pessoas à imagem de Deus, então, a educação para uma atitude responsável em relação à realidade criada deve ajudar a guiar as pessoas a viver de acordo com esse conhecimento fundamental, que lhes revela que “cada criatura tem seu próprio propósito” (FRANCISCO, 2015).

A realização fundamental reside na necessidade de que a educação abrangente de hoje, a consciência, a ética e a responsabilidade de cada ser humano se integrem na educação ecológica. Nesse caminho, a Igreja contribui ao despertar as pessoas para a verdade salvífica da criação do mundo e da humanidade, a partir da qual emerge a ação responsável. No âmbito da educação ecológica, é necessário promover políticas que cultivem o bem comum de todos, além dos conflitos ideológicos e interesses. Nesse sentido, é imperativo pensar criticamente nas ideias, nas motivações e nas inspirações voltadas ao bem comum, que direcionarão as pessoas para a beleza e a descoberta da coexistência.

Com efeito, a educação ecológica contemporânea deve estar ligada aos três níveis da pessoa humana: o intelectual, o emocional e o espiritual. Isso implica harmonizar a ação humana com a natureza, de modo que possamos sentir a interconexão, o respeito, a lealdade e a responsabilidade, adotando uma atitude fundamentalmente mais apropriada em relação a tudo o que foi criado, em total conformidade com São Francisco de Assis, que apontou o caminho para uma abordagem holística da realidade criada. Nesse sentido, Papa Francisco se revela um promotor da conscientização ambiental e da solidariedade responsável com a humanidade e a Terra.

Considerações Finais

O Papa Francisco certamente buscou incentivar o ser interior de cada pessoa, a consciência, o coração e a mente, de modo que o ser humano possa se abrir para um mundo de valores que também essencialmente engloba a atitude das pessoas em relação à realidade criada que as cerca. A humanidade é tentada a viver uma antropologia de não-transcendência, desconectada de raízes mais permanentes e profundas; essa tentação as torna irresponsáveis em relação ao mundo criado e à vida. É tarefa de toda e qualquer educação abrir horizontes para reconhecer a estrutura fundamental da existência humana, que se revela através da emanção de valores humanos e mesmo extra-humanos. Uma pessoa, um ser humano único dotado de razão, liberdade e dignidade inviolável na experiência imediata, revela-se a si mesma e ao mundo circundante como um verdadeiro valor. De acordo com o Papa Francisco, o objetivo da educação revela uma relação profunda com Deus, de tal maneira que o comportamento humano, no qual uma pessoa descobre vestígios da criação de Deus, resulta em consequências praticamente válidas. O objetivo da educação, portanto, é construir a espiritualidade nas pessoas, juntamente com a liberdade e a ética, a fim de incentivá-las a agir e assumir atitudes responsáveis em relação à sociedade e à política em benefício da natureza e da humanidade. Para Papa Francisco, o desafio da educação ecológica é conceber uma educação que possa salvar o planeta da destruição, um planeta ameaçado pela atividade humana. É um chamado para a conscientização. Educar as pessoas para uma abordagem contemplativa e prudente da realidade (ecologia) significa se opor ao paradigma tecnocrático cujo objetivo é exclusivamente de domínio e de poder. Os seres humanos são parte do mundo criado, no qual realizam o plano de Deus com a humanidade e tudo o que é criado. A educação abrangente, como demonstrado na carta encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, implica uma atitude alterada das pessoas em relação a tudo o que as cerca. Isso significa superar permanentemente a lógica do consumismo, do utilitarismo e da abordagem tecnocrática na realidade em que todos estamos inseridos e envolvidos (FRANCISCO, 2015).

Assim, no que diz respeito às considerações do Papa Francisco, a visão educacional está a serviço de alcançar os objetivos mais elevados da humanidade, que são, acima de tudo, o crescimento na liberdade, além do desenvolvimento harmonioso das habilidades intelectuais, éticas e morais que auxiliem no processo de maturação do senso de responsabilidade e no crescimento da verdadeira liberdade. Apenas uma educação aberta ao Absoluto pode levar à promoção da dignidade humana e ao tratamento responsável da natureza presente, libertando-nos da tentação de sermos autossuficientes e destruidores do mundo e da humanidade. Na carta encíclica *Laudato Si'*, Papa Francisco mostra que Deus revela a humanidade a si mesma, demonstrando que a razão e a fé mutuamente entrelaçadas mostram o que é verdadeiramente bom e que as pessoas estão obrigadas a fazer o bem conhecido tanto a si mesmas quanto à natureza que as cerca. Finalmente, na exortação apostólica *Laudate Deum*, Papa Francisco alerta para o fato de que o “[...] ser humano que pretenda tomar o lugar de Deus torna-se o pior perigo para si mesmo” (FRANCISCO, 2023, p. 15).

Referências

- BENTO XVI, Papa. *Caritas in veritate*: Caridade na Verdade. Carta Encíclica sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade (29.VI.2009). Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2019.
- COMPÊNDIO da doutrina social da igreja. A João Paulo II mestre de doutrina social, testemunha evangélica de justiça e paz. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 5 dez. 2023.
- CONSTITUIÇÃO pastoral *Gaudium et Spes*. São Paulo: Paulus, 1997. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Laudate Deum*: A todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: A Alegria do Evangelho. Exortação Apostólica sobre a Proclamação do Evangelho no Mundo Atual (24.XI.2013). Dublin, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Veritatis Gaudium*: A Alegria da Verdade. Constituição Apostólica sobre Universidades e Faculdades Eclesiásticas (8.XII.2017). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Centesimus annus*. Carta Encíclica sobre o Centenário da *Rerum Novarum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1991.
- KIRCHNER, R.; SARRAIPA, P. C. M. F. Os desafios ético-ecológicos e espirituais da vida no planeta. *Cadernos de Fé e Cultura*, v. 2, n. 1, p. 23-30, 2017.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral*: Raízes bíblicas do agir cristão. São Paulo: Paulinas, 2009.
- WHITE JUNIOR, L. The historical roots of our ecologic crisis. *Science: New Series*, v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, 1967.